



O Homem Humano é a Dúvida: Ponderações Sobre a Literatura como Educação para a Formação Humana Crítica

Thoughts on Literature as Education for Critical Human Formation

Priscila Santos Araujo

Mestre em Educação Bilingue (INES). Graduada em Letras-Libras (PROMINAS). Graduada em Pedagogia Bilingue (INES). Professora de Letras-Libras. Intérprete de Libras (Fiocruz). CV: <http://lattes.cnpq.br/3345863640667481>

Ramayca Helen de Lima Resende

Graduada em Psicologia (FACUNICAMPS). Pós-graduada em Psicologia Social (PROMINAS). Pós-graduada em Psicologia da Educação (CENES). Psicóloga Clínica. CV: <http://lattes.cnpq.br/1932021746392775>

Cristiano Santos Araujo

Doutor em Literatura e Práticas Sociais (UnB). Doutor em Ciências da Religião (PUC Goiás). Professor de Literatura da Universidade Estadual do Ceará. CV: <http://lattes.cnpq.br/8563469772765997>

Resumo: Este capítulo analisou se João Guimarães Rosa (1908-1957) foi um mestre da dúvida. Para analisar esse aspecto, dialogaremos com a escrita da suspeita nos quatro prefácios de “Tutaméia” (2009), os casos e a tese do homem humano no “Grande Sertão: Veredas” (2001), assim como na obra de Friedrich Nietzsche encontrada no espólio da biblioteca de Guimarães Rosa. A partir dessas aproximações, surgiu uma questão, será que a dúvida é o homem humano? Por conseguinte, Rosa e Nietzsche, como agentes da suspeita e da dúvida, pela força da escrita e da palavra, contribuem para que a literatura seja uma operação e instrumento de formação humana? É o direcionamento temático, metodológico e interdisciplinar, dessa forma, a partir desses critérios e autores, os leitores têm também o alçó estilete hermenêutico para realizar sua própria arte. Destacou-se, então, a construção de que o homem humano é a dúvida, no interior da palavra e da consciência do jagunço poeta e filósofo Riobaldo, a literatura rosiana torne-se, e geralmente é, uma arte para a formação humana crítica.

Palavras-chave: Guimarães Rosa; homem humano; dúvida.

Abstract: This chapter analyzes whether João Guimarães Rosa (1908-1957) was a master of doubt. To analyze this aspect, we will dialogue with the writing of suspicions in the four prefaces of “Tutaméia” (2009), the cases and the thesis of the human man in “Grande Sertão: Veredas” (2001), as well as in the work of Friedrich Nietzsche found in the collection of Guimarães Rosa’s library. From these approaches, a question arises: is doubt the human man? Therefore, are Rosa and Nietzsche, as agents of suspicion and doubt, through the power of writing and words, important for literature to be an operation and instrument of human formation? It is the thematic, methodological and interdisciplinary direction, thus, based on these criteria and authors, readers also have the hermeneutic stylus to carry out their own art. The construction that the human man is a doubt stood out, within the word and conscience of the jagunço poet and philosopher Riobaldo, the rosian literature becomes, and generally is, an art for critical human formation.

Keywords: Guimarães Rosa; human man; doubt.

INTRODUÇÃO

Por um lado, a dúvida seria um caminho insólito para o ser humano nas dimensões tradicionais de sua vida, ou, por outro ângulo, o homem pode duvidar porque, além de suspeitar, como uma possibilidade optativa de convidar a tradição e os axioma para dançar. De qualquer forma, dentre várias outras possibilidades da episteme, o homem humano, de alguma maneira, transita entre certezas e dúvidas, isso é algo normal diante do cotidiano e dos espetáculos da vida, quiçá, diante dos muitos desafios diários da vida e do viver de qualquer humano nesta terra, o que nas palavras de Guimarães Rosa, é perigoso.

A literatura, como arte da palavra, e a educação, como formação humana, formam uma combinação e processo que, a partir da confirmação e da negação da palavra na constituição do tipo de humanidade que está sendo formada por uma sociedade. Dessa forma, literatura e educação, tornam-se em uma política da palavra, das pessoas, das gentes e da formação crítica como via de cidadania pela construção e esclarecimento.

Por isso, este texto propôs a discussão de intertextualidades literárias fundamentais para a formação humana crítica, obras clássicas, autores relevantes e conhecidos de um público privilegiado, ou seja, aqueles que tiveram acesso formal aos textos e autores, mas também, o acesso à arte literária e à filosofia, sobretudo nas desafiadoras leituras de, por exemplo, Guimarães Rosa e Friedrich Nietzsche, bem como de outros, a saber: Vilém Flusser e Günter Lorenz, dentre outros. O fio condutor direcionou uma particular análise sobre o homem humano e a dúvida, ou vice-versa, bem como em diálogo com outras fontes secundárias a fim de refletir sobre a travessia no interior da palavra e da consciência, propostas pela literatura e pela filosofia, e ambas, há tempos, operam e instrumentalizam um tipo de formação humana crítica para a sociedade.

SOBRE A DÚVIDA

João Guimarães Rosa (1908-1967) foi um mestre da dúvida, da época¹ e do espetáculo do mundo. Para analisar esse aspecto, dialogaremos com a hermenêutica da escrita de Vilém Flusser (2010) nos quatro prefácios de “Tutaméia” (2009), a intertextualidade do homem humano no “Grande Sertão: Veredas” (2001) e as obras de Nietzsche encontradas no espólio da biblioteca de Guimarães Rosa. A partir dessa aproximação, surge uma questão, será possível que a dúvida é o homem humano?

Por conseguinte, Flusser, Rosa e Nietzsche, como agentes da suspeita, contribuem para que a literatura seja um instrumento de formação humana? É o direcionamento temático e metodológico deste texto conjunto e interdisciplinar. Não *1 Cf. A epoché, como perspectiva fenomenológica de uma consciência cética do olhar, é uma ferramenta filosófica para um questionamento das certezas e um convite ao exame mais profundo e livre de preconceções “o espetáculo do mundo”, colocando-o entre parênteses e aspas (Flusser, 2010b).*

obstante a escrita ser um processo em que o objeto que está em frente do algoz estilete hermenêutico, ou seja, uma construção que se faz acerca do pensar sobre o pensar, a escrita torna-se em uma empresa riscada à reflexão do trabalho de dentro da língua sobre a língua e dos saberes com os desmuramentos das epistemologias.

A literatura projetara uma certa reflexão da dúvida no interior da própria palavra e escrita, saberes e mundos, sobretudo nas possíveis instaurações ficcionais de realidades, entre mimesis e verossimilhanças, instaura-se o caminho dialógico da palavra e da escrita como formação humana. Dessa forma, segundo Flusser (2010a, p. 29):

O escrever é um método para dilacerar essas representações e torná-las transparentes. Quanto mais o escrever se desenvolve, mais profundamente o estilete usado para escrever penetra os fundamentos das representações armazenadas em nossa memória para dilacerá-los, para descrevê-los, para explicá-los, para codificá-los em conceitos.

Do ponto de vista do leitor, a atitude interpretativa exige uma postura explicativa que revele as camadas escondidas da escrita, assume-se então, uma postura exegética ao verificar que no texto o falseado e a verossimilhança que podem ser desmascarados. Dessarte, toda interpretação deve, por sua vez, ser interpretada, ao que parece, é a proposta literária e filosófica de nossos autores citados anteriormente.

Vamos, então, aos quatro prefácios não sequenciais de “Tutaméia”, isto é, distribuídos ao longo dos quarenta contos, os prefácios, juntos, compõem uma profissão de fé e uma arte poético-filosófica fundada na certeza de que após a primeira leitura, muita coisa se entenderá sob a luz inteiramente outra do estatuto da dúvida.

Em ‘Aletria e hermenêutica’, Rosa (2009) trata de dar uma proposição de estória que não quer ser história e de como utilizar palavras para se representar uma indeterminada realidade. Esse prefácio é desenvolvido ao longo de oito páginas nas quais Guimarães Rosa diz que “a vida também é para ser lida. Não literalmente, mas em seu supras-senso. E a gente, por enquanto, só a lê por tortas linhas” (2009, p. 529). Assim, surgem as alegorias de abstração e suspensão do juízo tais como o ‘mito da caverna’, já que o universo é cheio de silêncios barulhentos e as interpretações podem ser uma vontade de representação.

O Hipotrécico, o segundo prefácio que compõe “Tutaméia”, é uma apologia poética que discute o direito do escritor de criar palavras quando da explicação e/ou representação de uma dada realidade. De forma maliciosa e irônica, o autor se coloca no papel de quem combate o ‘vezo de palavrizar’ utilizando todos os argumentos que já foram usados contra ele e deixando à vista as inconseqüências e a fala de criatividade dos puristas da língua. Essa exaltação dionisíaca das palavras é no campo da derivação possível a um escritor como Guimarães Rosa. Seus processos neologísticos, como arqueólogo de palavras, colecionam preciosidades lexicais, enriquecendo a língua, chegando a redimensionar nossa percepção da escrita para enxergarmos até onde dispostos estamos de ser hipotrécicos.

Em “Nós, os tremulentos”, terceiro prefácio onde Guimarães Rosa abordou a interpretação subjetiva que o sujeito faz da realidade. O drama humano seria o estar-no-mundo? Chico, personagem principal desse prefácio, era afligido pela “corriqueira problemática cotidiana, a qual tentava, sempre que possível, converter em irrealidade” (2009, p. 613). De bar em bar, virar e andar, destacando a ‘sozinhidão’, bebia para se desapaixonar e esquecer. Somos nós também tremulentos em nossas ‘dúvidas diplomáticas’? Ou estamos? Diante do espelho do armário Chico descobre-se. Não é casado, é solteiro, não são dois homens, apenas um homem nu. A saída foi quebrar o espelho em mil pedaços, e de praxe, desaparecer de si mesmo.

Em “Sobre a escova e a dúvida”, quarto e último prefácio de “Tutaméia”, que está dividido em sete partes com um amplo glossário ao final, Rosa discute sobre a própria realidade, esta apreendida e vivida, sobre as consequências advindas da reação do sujeito frente ao senso de procura do real. Guimarães Rosa expõe o seu projeto literário: “Meu duvidar é da realidade sensível aparente – talvez só um escamoteio das percepções. Porém, procuro cumprir. (...) Um escrito será que basta? Meu duvidar é uma petição de mais certeza” (2009, p. 652).

Nos quatro prefácios da petição de mais certezas, Guimarães Rosa convida-nos, dentre outras coisas, para uma discussão sobre a realidade do que foi e será apresentado aos leitores de sua obra. Deseja que eles mergulhem na essência de um Brasil não distante, na verdade bem perto de cada um de nós, a cada dia, lugar e geração. Em “Aletria e hermenêutica”, a definição do que é real vem a partir da interpretação; em “O Hipotrérico” virá a partir da criatividade; em “Nós, os tremulentos”, a realidade está no princípio da subjetividade, e por fim, em “Sobre a escova e a dúvida”, a definição virá a partir de uma ampla e ousada discussão sobre realidades e mimesis que o autor deseja propor através da leitura dos quarenta contos de “Tutaméia”. Paulo Rónai (1968, p. 531), hermeneuta da obra de Guimarães Rosa, aborda desta forma os múltiplos prefácios de “Tutaméia”:

Absorvidos pelos prefácios, ei-nos apenas no limiar dos quarenta contos, merecedores de outra tentativa de abordagem. Quantas vezes mesmo nesta breve cabra-cega preliminar, terei passado ao lado das intenções esquivas do contista, quantas vezes as suas negações me terão levado a interpretações erradas? Só poderia dizê-lo quem não o pode dizer; mas será que o diria? (Rónai, 1968, p. 531).

Na tentativa de dizer e por duvidar dessa realidade, teve Guimarães Rosa que praticar, por vezes, a suspensão do julgamento para que melhor vendo o que é, possa ‘redigir um abreviado de tudo’. O que ele diz? Questiona: “Um escrito será que basta? “Meu duvidar é uma petição de mais certeza” (Rosa, 2009, p. 652). Cada história foi uma espécie de veículo da epoché na qual manteve em suspensão o conhecimento objetivo, o valor unitário e prático da língua, para permitir a apreensão em profundidade do mundo, renovado e novamente percebido através de nossa linguagem da suspeita (Flusser, 2010b).

Num primeiro encontro entre Flusser e Rosa, pode-se verificar o caminho da escrita na suspensão de um juízo primário e fixo do que é fictício e real ante à problematização do que é fictício e do que é realidade para o homem humano moderno, afinal:

O homem, enquanto ser que reflete, também é um ser que nega: não permite que aquilo que sobre ele incide o atravesse. O homem pensa para negar. O ser humano é o espelho do mundo ao lhe atribuir sentido, mas também se poderia dizer que o ser humano é a negação do mundo, ao não aceitar o que vê (Bernardo, 2004, p. 12).

Um duvidar da realidade aparente sensível, uma escamoteio das percepções para pensar a realidade e o fictício da vida e da morte das palavras entre dogmatismos e suspeitas. Flusser (2002, p. 13) afirma que “a literatura, seja ela filosófica ou não, é o lugar no qual se articula o senso de realidade. E ‘senso de realidade’ é, sob certos aspectos, sinônimo de ‘religiosidade’. Real é aquilo no qual acreditamos”. É o que se verifica nas duplicações de prefácios em Tutaméia, o que ocorre é um “fenômeno estético autorreferente através do qual a ficção duplica-se por dentro, falando de si mesma ou contendo a si mesma” (Bernardo, 2010, p. 9). Esse fenômeno da metaescrita da suspeita aparece nos dois autores que tratamos, ambos se dispõem a discutir o real a partir dele, ou contra ele, enfrentar o espetáculo do mundo, assim, percebe-se que todo o discurso é ficcional ante ao seu papel de representar a realidade.

E os livros que pretendem mostrar a realidade? Assim pensava Guimarães Rosa, finalizando o primeiro prefácio, “Aletria e Hermenêutica” (2009), “Ergo: O livro pode valer pelo muito que nele não deveu caber. Quod erat demonstrandum”.² Nesse jogo de fazer ‘como se’ para vislumbrar ‘o que é’, a língua vai criando realidades e ficções através da escrita, da leitura e da dúvida, cenário propício ao ser tão humano.

O HOMEM HUMANO

A afirmação de Rosa faz emergir, há tempos, inquietações amplificadas mediante o que diz e o que suspeita, ou seja, a via do questionamento na conclusão de Riobaldo no “Grande Sertão: Veredas” (Rosa, 2001, p. 624): “o diabo não há! É o que digo, se for... Existe é homem humano. Travessia”. Quem e o que é esse homem humano rosiano? É o homem criador, soberano e livre no mundo? A partir do espólio da biblioteca de João Guimarães Rosa, constam somente quatro obras nietzschianas, dentre as quais três são de “Humain, trop humain”, ademais, há alguma correlação entre o super homem nietzscheano e o homem humano rosiano. Adiante, também hermeneutizaremos a antropologia rosiana na entrevista criteriosa à Gunter Lorenz na qual destaca que a missão do escritor é o próprio homem, no 2 Cf. Q.E.D. Um anacronismo latino que significa ‘o que era para ser demonstrado’, ou seja, termo usado como comprovação ao final de um discurso filosófico ou matemático. Em português, usa-se, C.Q.D., que significa, ‘conforme queríamos demonstrar’.

caso de Rosa, o do homem do sertão, uma ideologia literária para o homem no papel de amo criação, isto é, o que existe é homem humano.

Vamos, em primeiro plano, ler os anúncios específicos sobre o homem humano no “Grande sertão: veredas”, o termo ‘homem humano’ aparece por três vezes no romance rosiano.

Caso 1: José dos Alves

Com outros nossos padecimentos, os homens tramavam zureteados de fome – caça não achávamos – até que tombaram à bala um macaco vultoso, destrincharam, quartearam e estavam comendo. Provei. Diadorim não chegou a provar. Por quanto – juro ao senhor – enquanto ainda estavam mais assando, e manducando, se soube, o corpudo não era um bugio não, não achavam o rabo. **Era homem humano, morador, um chamado José dos Alves!** Mãe dele veio de aviso, chorando e explicando: era criaturo de Deus, que nu por falta de roupa... (...) Algum disse: - Agora, que está bem falecido, se come o que a alma não é, modo de não morrermos todos (Rosa, 2001, p. 70).

O primeiro caso descreve a antropofagia de José dos Alves, denominado ‘criaturo de Deus’. Esse primeiro homem humano referido é devorado pelos jagunços cansados e famintos, o que inclui o próprio Riobaldo, que vindos do Liso do Sussuarão, e ávidos por saciar suas necessidades, o confundem com um ‘bugio’, um macaco vultoso, e assim o matam, assam e comem. Sem observar que aquilo que engoliram faltava o rabo, e descobriram que o ‘corpudo’ não era um bugio, era homem humano.

Caso 2: Jagunços

E o Sidurino disse: - A gente carecia agora de um vero tiroteio, para exercício de não se minguar... A alguma vila sertaneja dessas, e se pandegar, depois, vadiando. (...) O horror que me deu – senhor me entendeu? **Eu tinha medo de homem humano** (Rosa, 2001, p. 422).

No segundo caso, a expressão é usada por Riobaldo para denominar o conjunto dos jagunços, de quem afirma ter medo, a partir da opinião manifestada por Sidurino, e apoiada por todos, e mais uma vez inclusive por ele mesmo, Riobaldo, de que para reverter o estado generalizado de desânimo e fraqueza que os deprimia nada seria mais propício que ‘um vero tiroteio para exercício de não se minguar’. Essas palavras e o sistema jagunço que se ocultavam por detrás delas, que implicava naturalmente na morte e no sofrimento daqueles que se encontravam nos cenários das guerras, motivam o terror e o temor de Riobaldo.

O homem humano, contrariamente ao primeiro caso, são os devoradores, aqueles que por obediência saudável, e regra de se espreguiçar bem, são capazes de matar. Ou seja, nos dois casos, o jogo ficcional abre-se à margeação na qual decorre o percurso do homem em encontro à própria decadência da humanidade,

algo que pertence ao nível do circunstancial e à barbárie. Na aproximação desses dois casos, há uma suposta contraposição daqueles que a expressão denomina da mesma maneira. Se na primeira vez, o homem humano é José dos Alves, miserável devorado pelos jagunços, na segunda, o homem humano são os jagunços, que como cruéis devoradores davam horror a Riobaldo, referências entre dois polos do existir, ser devorado, ou ser devorador.

Caso 3: A Descoberta de Riobaldo

Amável o senhor me ouviu, minha ideia confirmou: que o diabo não existe. Pois não? O senhor é um homem soberano, circunspecto. Amigos somos. Nonada. O diabo não há! É o que digo, se for... **Existe é homem humano**. Travessia (Rosa, 2001, p. 624).

No terceiro caso, a tese do autor nas palavras de Riobaldo Tatarana revela o próprio sentido do atravessar, não ter que escolher entre os polos, mas suspeitar. Na destinação que conduz o homem humano como travessia se qualificam as duas outras afirmações com a síntese: “Nonada. O diabo não há! É o que eu digo, se for... Existe é homem humano. Travessia” (Rosa, 2001, p. 624). Uma vez que não há diabo, o homem humano ganha uma autonomia e se liberta da condição estática de devorado ou devorador, que decorre de seu relacionamento dicotômico com o sagrado e o profano.

Mais uma vez, na ambiguidade dialética do ficcional, no jogo de parecer-aquilo-que-é está o sinal que o distingue e notabiliza: liberdade. Dessa forma, há um questionamento e uma afirmação sobre o homem no “Grande Sertão: Veredas”. O lugar do homem? O que é propriamente o humano? Devorar e ser devorado, a liberdade da travessia. Fundamentalmente, se diz que ser humano é uma propriedade do ser homem, ou ainda, que ao homem é próprio ser humano, ser livre e criador como homem humano.

O HOMEM DEMASIADAMENTE HUMANO

Suzi Frankl Sperber, em “Caos e Cosmos” (1976), fez leituras de Guimarães Rosa e seus textos fundamentais, tentando aproximar as ideias do autor em suas influências filosófico-espirituais. A autora teve acesso à biblioteca espólio de Guimarães Rosa e estabeleceu um inventário lexicográfico-filosófico à procura do *corpus* filosófico da obra literária em suas intertextualidades. Para ela, Guimarães Rosa não fez mera citação de textos (aparente ou latente), nem foi proselitista, adaptando a narrativa a uma realidade filosófica estudada e por ele aceita.

Na referida biblioteca existem quatro obras³ de Nietzsche, dentre elas três são “*Humain, trop humain*”, que para nossa temática do ‘homem humano rosiano’
 3 Cf. NIETZCSHE, Frederich. *Humain, trop humain*. Trad. A. M. Desrousseaux, Paris, Mercure de France, 194; NIETZCSHE, Frederich. *Humain, trop humain. Ie. Partie*, 19 édition, Trad. A. M. Desrousseaux, Paris, Mercure de France, 1941; NIETZCSHE, Frederich. *Le voyageur et son ombre – Humain, trop humain. 2e partie*, 19 éditions, trad. Henrie Albert, Paris, Mercure de France, 1943; NIETZCSHE, Frederich. *Pages choisies*. Publié par Henri Albert, Paris, Mercure de France, 1947.

tem grande importância. Em “Humano, demasiadamente humano” (1878), o filósofo alerta para a inocuidade das absolutizações ao registrar o conceito de espírito livre, isto é, aquele que pensa de forma diferente do que se espera dele, logo, nascerá o homem do futuro. Na defesa poética da história, Nietzsche (2005) aponta o defeito hereditário dos filósofos ao analisar o homem circunscrito numa periodização histórica apenas:

Tudo o que o filósofo enuncia sobre o homem, entretanto, nada mais é, no fundo, do que um testemunho sobre o homem de um espaço de tempo muito limitado. Falta de sentido histórico é o defeito hereditário de todos os filósofos. (...) Não querem aprender que o homem veio a ser, que até mesmo a faculdade do conhecimento veio a ser (Nietzsche, 2005, p. 16).

Para o filósofo, a chave para o entendimento do mundo em geral é o filosofar histórico da análise do homem como a não medida segura das coisas numa só delimitação de tempo. Quanto menos os homens estiverem condicionados pela origem, tanto maior será o movimento interior de seus motivos e liberdades, tanto maior por sua vez, em decorrência, a agitação exterior, o envolvimento dos homens entre si, a polifonia de seus esforços para proporem a fins da suspeita e da dúvida que abrangem o existir diante dos abismos da vida.

O homem é uma corda, atada entre o animal e o além-homem – uma corda sobre um abismo. Perigosa travessia, perigoso a-caminho, perigoso olhar para trás, perigoso arrepiar-se e parar. O que é grande no homem, é que ele é uma ponte e não um fim: o que pode ser armado no homem, é que ele é um passar e um sucumbir. Amo aqueles que não sabem viver a não ser como os que sucumbem, pois são os que atravessam (Nietzsche, 1978, p. 227).

Der Übermensch é um conceito⁴ central da obra de Friedrich Nietzsche. *Übermensch* é usualmente traduzido como Superman, em inglês, e como Super-Homem, em português. “Mensch”, em alemão, é um termo neutro, a indicar “ser humano”. “Über”, por sua vez, significa “sobre; acima de; além”. A tradução mais próxima do conceito do filósofo talvez seja, então: o “além-do-humano”. Logo, *Übermensch* aponta a sobre-humanidade, o além da humanidade, o super homem. O termo *Übermensch* não teve uma história tranquila, no século XX, os nazistas apropriaram-se do termo, para melhor forjarem o mito da superioridade ariana. Os norte-americanos, certamente por oposição conveniente: the Superman versus der *Übermensch*, valorizariam sobremaneira seu herói dos quadrinhos, ou seja, mais uma questão imperialista.

O texto em que o filósofo mais falou do *Übermensch* é dos mais conhecidos, ao mesmo tempo romance e ensaio filosófico: “Assim falou Zarathustra” (1978)⁵.

⁴ Cf. *Incluso no relevante E-Dicionário de termos literários, coordenado pelo professor Carlos Ceia, da Universidade Nova de Lisboa: <http://www.fcsh.unl.pt/edtl>*.

⁵ *Zarathustra existiu: foi um profeta iraniano, vivendo no século VII a. C, que teria formulado os valores posteriormente desenvolvidos pela religião de Mani, exatamente, o maniqueísmo.*

O Zaratustra de Nietzsche combate o maniqueísmo na sua variante cristã, assim, ensina e idealiza uma espécie de empoderamento do homem para a superação de valores hegemônicos, logo, o homem como uma corda estendida entre o animal e o super-homem, uma corda sobre o abismo, torna-o grande, sim, desde que se reconhecesse como ponte para a dúvida. O conceito de Nietzsche (*Der Übermensch*) continua sendo necessário, e, portanto, desejado, pela crítica permanente e dinâmica que propõe, para a espécie humana e sobre ela mesma. Derivado de um personagem filosófico nietzscheano, ilumina nossas reflexões sobre os homens da vida, da literatura e do cotidiano de homens humanos.

Riobaldo, atado a sua cronotopia, vivencia as agruras do sertão atravessando sua finitude existencial diante das cratofanias de Deus e do Diabo na vida jagunça, após o pacto com a vida, bem como após a morte da Deodorina da Fé, atou-se às cordas que ligam as margens da vida para a travessia da dúvida, o homem humano, um relâmpago que parte da terra, o além do homem (Nietzsche, 1978, p. 228).

Nietzsche atribuiu à civilização de seu tempo a tarefa de preparar o *Übermensch*. Na compreensão desse conceito, entretanto, há uma crítica ontológica ou uma ficção em Zaratustra. Ele dá o contexto e a direção em que deve ser lida a palavra: a travessia – passar – atravessar: vontade de verdade, logo, “valores foi somente o homem que pôs nas coisas, para se conservar – foi ele somente que criou sentido para as coisas, um sentido de homem! Por isso, ele se chama ‘homem’, isto é: o estimador” (Nietzsche, 1978, p. 232). Para Nietzsche, “o prazer quer e todas as coisas a eternidade, quer profunda, profunda eternidade!” (Nietzsche, 1978, p. 265). Zaratustra foi o anunciador do além-do-homem, é o arauto do eterno retorno, é aquele que sempre afirma. Se criar é ultrapassar-se, a criatura pode prevalecer sobre o criador. Será isso que passava pela tese de Riobaldo? É preciso haver travessia para que surja o além-do-homem, algo que indica a necessidade da superação de si mesmo e, com isso, aponta para uma nova maneira de suspeitar e duvidar.

LITERATURA E FORMAÇÃO HUMANA CRÍTICA

Northrop Frye (2006, p. 16), em “Fábulas de identidade”, destaca que “a literatura é uma fonte inexaurível de novas descobertas críticas e continuaria sendo, mesmo que novas obras literárias cessassem de ser escritas”. Um detalhe importante para compreender a obra de João Guimarães Rosa está na “Coleção Fortuna crítica” (Coutinho, 1991), especificamente no texto “Uma conversa antropológica com Gunter Lorenz”. O encontro com esse crítico alemão deu-se no Congresso Latino de Escritores Latino-Americanos, em Genova no mês de janeiro de 1965. A entrevista, na verdade, foi uma conversa em conjunto sobre diversos pontos as escrituras de Guimarães Rosa. A conversa torna-se esclarecedora na confissão rosiana de que “a missão do escritor é o próprio homem” (Coutinho, 1991, p. 63). Na procura deste homem rosiano, selecionamos uma possível antropologia rosiana, ou breve mapeamento na conversa e confissão a Günter Lorenz.

É que eu sou antes de mais nada este 'homem do sertão'; e isto não é apenas uma afirmação biográfica, mas também, e nisto pelo menos acredito tão firmemente como você, que ele, esse 'homem do sertão', está presente como ponto de partida mais do que qualquer outra coisa (Coutinho, 1991, p. 65).

Esse homem nascido em Cordisburgo fala do homem do sertão. Na mística do interior do país, o escritor encarna o pedaço de terra chamado sertão, tornando-se impossível separar a biografia de Guimarães Rosa de sua obra: “sobre o sertão não se podia fazer literatura do tipo corrente, mas apenas escrever lendas, contos, confissões” (Coutinho, 1991, p. 69). Nessa transformação em escrita do ambiente que o rodeava Guimarães Rosa não se considerava um romancista, e sim “um contista de contos crítico nos quais se unem a ficção poética e a realidade” (Coutinho, 1991, p. 70).

Para Guimarães Rosa, credo e poética são a mesma coisa, linguagem e vida são uma coisa só, o bom escritor seria um arquiteto da alma, um descobridor de mundos desconhecidos. Então, para Rosa, o credo do sertanejo é a solidão do mesmo, pois apenas na solidão pode-se descobrir que o diabo não existe, isto é o infinito da felicidade, a mística rosiana. Para Rosa, o diabo pode ser vencido simplesmente, porque existe o homem, a travessia para a solidão, que equivale ao infinito. Assim, temos pistas metafísicas sobre o centro da antropologia literária rosiana, se pela via mística ou pela senda literária, o papel do homem segundo Guimarães Rosa provém:

(...) do que eu denomino a metafísica de minha linguagem, pois esta deve ser a língua da metafísica. No fundo é um conceito blasfemo, já que assim coloca o homem no papel de amo da criação. O homem ao dizer: eu quero, eu posso, eu devo, ao se impor isso a si mesmo, domina a realidade da criação. Eu procedo assim, como um cientista que também não avança simplesmente com a fé e com os pensamentos agradáveis a Deus. Nós, o cientista e eu, devemos encarar a Deus e o infinito, pedir-lhes contas, e, quando necessário, corrigi-los também, se quisermos ajudar o homem. Seu método é o meu método. O bem estar do homem depende do descobrimento do soro contra a varíola e as picadas de cobras, mas também depende de que ele devolva à palavra seu sentido original. Meditando sobre a palavra, ele se descobre a si mesmo. Com isto repete o processo da criação. Disseram-me que isto é blasfemo, mas eu sustento o contrário. Sim! A língua dá ao escritor a possibilidade de servir a Deus corrigindo-o, de servir ao homem e de vencer ao diabo, inimigo de Deus e do homem. A impiedade e a desumanidade podem ser reconhecidas na língua. Quem se sente responsável pela palavra ajuda o homem a vencer o mal (Coutinho, 1991, p. 83).

Ao assumir a autoria da criação, o homem assume o papel de criador de mundos e recriador de matérias vertentes, uma espécie de libertação das

temporalidades. Guimarães Rosa quer liberar a vida, o homem? Ao ser questionado por Lorenz responde que “É exatamente isso que eu queria conseguir. Quero libertar o homem desse peso, devolver-lhe a vida em sua forma original” (Coutinho, 1991, p. 84). No sertão, o homem está em busca de si e do outro, por isso ali os anjos ou o diabo ainda manuseiam a língua. O sertanejo perdeu a inocência no dia da criação e não conheceu ainda a força que produz o pecado original. Ele ainda está além do céu e do inferno. Logo, o homem perdeu Deus e encontrou o diabo. Como o sertão é o terreno da eternidade, Guimarães Rosa deseja libertar o homem para o novo confessionário moderno: nem Deus, nem demo, o que existe é homem humano.

A língua foi a arma para uma formação humana com a qual Guimarães Rosa defende a dignidade do homem. Nessa Babel poético-mítica cada palavra tem sua essência e gênese no sertão onde “cada homem pode se encontrar ou se perder” (Coutinho, 1991, p. 94). E o “Grande Sertão: Veredas”? Na entrevista, temos algumas afirmativas lapidares que não encontramos alhures, tais como: “Eu diria que Grande Sertão foi para mim o término de um desenvolvimento e, ao mesmo tempo, algo que um dia espero, levar-me-á à meta final [...] É uma autobiografia irracional ou melhor, minha autorreflexão irracional (Coutinho, 1991, p. 94). E Riobaldo? Guimarães Rosa diz que ele “não é Fausto. Riobaldo é sertão feito homem e é meu irmão... Riobaldo é mundano demais para ser místico, é místico demais para ser Fausto” (Coutinho, 1991, p. 96). Ou seja, diz crer que Riobaldo é apenas Brasil.

Ao término da entrevista, Guimarães Rosa acredita que teremos um futuro interessante, espera que seja um futuro humano. O que existe é homem humano, ser livre do peso das temporalidades, criador e autor de sua história. Uma leitura do homem humano rosiano, nosso foco nesta dissertação, desejou esclarecer o que é, ou quem é o homem humano na narrativa de Riobaldo. Na dispersa demanda de sua própria existencialidade, Riobaldo empreende a travessia: o projeto moderno rumo à investigação de sua diferente maneira de perigosamente viver.

O homem humano não é somente o devorado nem o devorador, embora necessite ser tanto um quanto o outro, seria um espírito livre, um homem livre para escolher sem medo o que não existe para si. Nietzsche e Guimarães Rosa, outrossim, não se tratar de fazer deste um leitor daquele, e sim o encontro entre dois grandes hermenêutas poético-históricos que mesmo distantes em seus tempos e espaços, para nós, tornam viável a compreensão de nossa finita do homem e do além-homem. O espírito livre do homem demasiadamente humano nietzschiano e a escrita literária de Guimarães Rosa no “Grande Sertão Veredas” trazem algumas suspeitas, dúvidas e esclarecimento, usa-se essa palavra no sentido kantiano, *sapere aude*, uma espécie de ouse saber, a saída de nossa indesculpável minoridade intelectual para um existir livre. De outro modo, e por isso a nossa reflexão sobre os quatro prefácios de “Tutaméia” (2009), há uma escrita da suspeita e da dúvida na direção de um homem humano criador.

Humberto Eco (2004, p. 9), em “Seis passeios pelos bosques da ficção”, defende que “todo texto é uma máquina preguiçosa pedindo ao leitor que faça uma parte de seu trabalho. Que problema seria se um texto tivesse de dizer tudo que o receptor deve compreender – não terminaria nunca”. Dessa forma, transitar entre as

mimesis e verossimilhanças rosianas não é uma tarefa fácil na abordagem de alguns elementos do entroncamento entre literatura e filosofia como formação humana.

A herança da literatura e educação nos foi deixada mediante os testamentos literários e filosóficos, como se, ficcionalmente, a cada refeição que o homem humano com sua liberdade é convidado a sentar-se. Se a cadeira permanece vazia, saiba que o lugar está posto. Um convite às mentes que a herdaram valores e os questionam. Essa semelhante convocação foi realizada por Johann Wolfgang von Goethe, no clássico “Fausto” (1997, p.68):

Nessa experiência sou já mestre. Compensa-se, entretanto, a privação. Aprendemos a olhar pelo supraterrrestre. A ansiar pela revelação que em ponto alguma luz com mais belo alento, do que no Novo Testamento. Almejo abrir o básico texto e verter o sagrado original, com sentimento reverente e honesto em meu amado idioma natal.

Ao que parece, Guimarães Rosa e Riobaldo desenvolvem um discurso formativo sobre o homem humano num cotidiano social muito concreto, particular, sertão. A partir do mundo “dominado”, de vida traçada dentro das circunstâncias de pobreza e de violência, mas também de muito Deus e o Diabo, um entrelugar de escolhas para vencer o medo de viver, que é sempre perigoso, de alguma maneira, Riobaldo quer paz interior, reorganização do mundo na velhice, uma espécie de recuperação de sua identidade, mesmo que para isso, tenha que verter o sagrado original, eliminando um dos entes que o faz sobreviver, um desveto do controle do imaginário a partir da dúvida e da suspeita de que, afinal, se for, o que existe é o homem humano, a travessia.

O jagunço Riobaldo tornou-se poeta, mas também filósofo, na mesma medida de suas dúvidas diante do espetáculo do mundo sertão, proposto pelo ser tão humano entre ‘nonada’ e ‘travessia’, o homem humano.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este texto começou propondo e indagando se João Guimarães Rosa foi um mestre da dúvida ante ao espetáculo do mundo. Para isso, realizou-se o intertexto entre autores e textos clássicos, convocados ao diálogo, tais como: Vilém Flusser, Friedrich Nietzsche e Günter Lorenz, dentre outros, na perspectiva de refletir se a dúvida é o homem humano? Por conseguinte, como agentes da suspeita, essas escritas contribuem para que a literatura seja um instrumento de formação humana?

Riobaldo, no ‘range-rede’ de suas especulações, operou um tipo de travessia interior, no interior da palavra, da consciência, um saber iniciático, deixa de ser jagunço, torna-se professor. Ou ainda, direcionou o leitor a uma abertura que nos permitiu observar que estamos pisando em matérias movediças, em detrimento dos dogmatismos axiomáticos das certezas, que se trata do sertão, do mundo e dos homens. Esse homem humano, ao determinar que o diabo não há, assume a existência trágica em que escolhe seu caminhar entre substituições optativas, nem um nem outro, porque se um não há, o outro precisará ser rediscutido.

Em outras palavras, esse novo homem demasiadamente humano, ainda que conserve os vestígios e amarras do comportamento tradicional, assume uma postura esvaziada dos significados religiosos que fazem parte de sua herança cultural. Dessa forma, para a criação de um mundo próprio, dessacraliza-se o sentido de liberdade. Assim, Guimarães Rosa, diferente de seus predecessores, ao invés de matar Deus, o faz com o diabo, o que de qualquer forma, altera e mexe com pilares do sagrado e do profano brasileiro para a absoluta liberdade de travessia, somente possível se o homem for humano.

O sertão da arte literária de Guimarães Rosa não foi apenas uma questão geográfica, em muito a ultrapassa, mas também foi um palco, uma espacialidade da consciência de espíritos não livres ao dispor da liberdade do homem humano, ou seja, o caminho da criatura na investida do ato criador, a realidade inventada, com o poder de nomeação dos seres em via da travessia, sobretudo na existência de Deus e a inexistência do diabo afirmada a partir dessa necessidade do homem ambivalente que nasce da dúvida e da autonomia de existir sabendo o que há e o que não há.

“O diabo não há, existe é homem humano”, a ousada travessia, o caminho insólito através das criações e criaturas de Rosa, o criador. Resultado das desconfiças do Joaozito, explicitadas e eternizadas nas reinações de Riobaldo Tatarana, homens humanos? Talvez.

REFERÊNCIAS

- BERNARDO, Gustavo. **A Ficção Céptica**. São Paulo: Annablume, 2004.
- BERNARDO, Gustavo. **O Livro da Metaficção**. Rio de Janeiro: Tinta Negra, 2010.
- BIZZARRI, Edoardo. João Guimarães Rosa – **Correspondência com seu tradutor italiano**. São Paulo: Instituto Cultural Ítalo- Brasileiro, 1981.
- COUTINHO, Eduardo F. Guimarães Rosa. 2. ed. **Coleção Fortuna Crítica**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.
- FLUSSER, Vilém. **Da Religiosidade**. São Paulo: Escrituras, 2002.
- FLUSSER, Vilém. **A escrita**. São Paulo: Annablume, 2010a.
- FLUSSER, Vilém. Bodentos. **Uma autobiografia filosófica**. São Paulo: Annablume, 2010b.
- FRYE, Northrop. **Fábulas de identidade**. Estudos de mitologia poética. São Paulo, Nova Alexandria, 2006.
- GOETHE, Johann Wolfgang von. **Fausto**. 4 ed. Tradução de Jenny Klabin Segall; prefácios de Erwin Theodor e Antônio Houaiss; pós-fácio de Sérgio Buarque de Holanda. Belo Horizonte: Itatiaia, 1997.
- NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Zaratustra**. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Humano, demasiado humano**. Um livro para espíritos livres. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Zaratustra**. In: Os pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

RÓNAI, Paulo. **Tutaméia**. Jornal 'O Estado de São Paulo', 16 e 23 mar. (1968 - Supl. Lit.). In: GUIMARÃES ROSA/Coletânea organizada por Eduardo F. Coutinho, Coleção Fortuna Crítica, Rio de Janeiro, 1983.

ROSA, João Guimarães. **Grande Sertão: Veredas**. 19. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

ROSA, João Guimarães. **Ficção Completa**. Vol. I e II. (org) Eduardo Coutinho. Nova Aguilar, 2009.

SPERBER, Suzi Franke. **Caos e cosmos: leituras de Guimarães Rosa**. São Paulo: Duas Cidades, 1976.